



Imagens biopolíticas: reflexões sobre governamentalidades contemporâneas

Daisy D'Amario¹
Alejandro Maldonado Fermín²

Com base em uma revisão dos conceitos foucaultianos de biopoder, biopolítica e governamentalidade, neste texto nos propomos compreender os usos e efeitos das políticas e imagens corporativas/institucionais no espaço público, considerando especialmente questões como a visibilidade e a vigilância, a disciplina e o controle social. A metáfora de imagens de biopolíticas nos permite enquadrar a discussão nas governamentalidades populistas e neoliberais, entendendo que na contemporaneidade do nosso continente, elas têm se tornado uma preocupação no que diz respeito às formas nas quais as ações localizadas tanto no Estado como no mercado supõem modos determinados de administração da vida: de disciplina e controle da população tanto na distribuição socioespacial como nas marcas às quais são expostos os cidadãos.

Estas imagens funcionam como dispositivos de poder nas políticas públicas e nas ações corporativas, como podem ilustrar os casos que analisamos da propaganda estatal venezuelana e da publicidade de empresas de segurança privada brasileiras.

Como se sabe, o conceito de biopolítica está associado, em Foucault, a formas de governar a vida, entendida esta tanto como corpo quanto como população. Em princípio situadas historicamente, a primeira corresponderia à razão de Estado e a segunda à “razão” liberal. Como sustenta Foucault no *Nascimento da biopolítica*:

A razão governamental em sua forma moderna, a forma que se estabelece a começos do século XVIII, essa razão governamental que tem por característica fundamental a busca de seu princípio de autolimitação, é uma razão que funciona com o interesse. Mas este já não é, por suposto, o do Estado integralmente referido a si mesmo e que não procura mais que seu crescimento, sua riqueza, sua população, seu poder, como sucedia com a razão de Estado. Agora, o interesse cujo princípio deve obedecer a razão governamental é interesse em plural, um jogo complexo entre os interesses individuais e coletivos, a utilidade social e a ganância económica; entre o equilíbrio do mercado e o regime do poder público. É um jogo complexo entre direitos fundamentais e independência dos governados. O governo, ou em todo caso o governo nesta nova razão governamental, é algo que manipula interesses. (FOUCAULT, 2007, p. 64)

¹ Socióloga, professora da Universidad Central de Venezuela, Bolsista CAPES no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria via Programa de Alianzas para la Educación y la Capacitación OEA-GCUB 2016, e-mail: ddamario@gmail.com.

² Sociólogo, professor da Universidad Central de Venezuela, Bolsista CAPES no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas via Programa de Alianzas para la Educación y la Capacitación OEA-GCUB 2016, e-mail: amaldonadof@gmail.com.



Se a segunda se caracteriza pela autolimitação do exercício do poder político (bem com base no direito público, bem no questionamento da utilidade das ações de governo) e implica a progressiva expansão da forma “empresa” como esquema de organização das populações, “a razão do menor Estado”; a primeira se caracteriza pelo horizonte tendencialmente infinito da ação governamental disciplinaria, da polícia, que podemos entender então como *a razão do maior Estado*. Contudo, por fora das diferenças que sejam possíveis estabelecer entre elas, compartem, com as mudanças do neoliberalismo que Foucault registra no século XX, um programa de racionalização cujo ápice encontra-se na ideia de *governamentalidade* da vida. Resulta então importante salientar que ela apenas é viável graças aos dispositivos biopolíticos, dentre os quais as *imagens* passam a ter uma função tanto disciplinar quanto de disposição populacional destacável.

A imagem de uma prisão como o panóptico é antes um desenho que um protocolo carcerário que lhe da vida, é uma figuração do encerro que condiciona a linguagem e a força a produzir más linguagem. (AMAR, 2015, p. 94).

O ponto anterior é particularmente visível na Venezuela, pois a ação governamental durante a última década tem se valido de elementos visuais/imagéticos para não apenas deixar claras suas ações e perfil político, mas também para instaurar uma forma mais eficiente de disciplina e controle.

Nesta pesquisa trabalharemos com a imagem dos “olinhos de Chávez” (ver figura nº 1) que começou ser usada em camisetas de campanha pela juventude do partido do governo (PSUV), mas que depois virou em um tipo de “selo”, de “carimbo” que é colocado, por exemplo, nas fachadas dos prédios e das casas do programa governamental de moradia popular (*Gran Misión Vivienda Venezuela – GMVV*), de maneira que fiquem evidentes duas coisas: (a) que aquilo apenas foi possível pela *revolução* cujo líder indiscutível é Chávez; (b) que ele está aí “de olho”, vigiando, disciplinando e controlando que seu “legado” se *faça corpo*.

No Brasil, pelo menos na “metade Sul” do Rio Grande do Sul, é possível dar conta da existência de um dispositivo potente de controle biopolítico expressado nas *placas* das empresas de segurança privada. Essas placas, além de fornecer o nome e os contatos da empresa, também mostram imagens que tentam transmitir tanto a ideia de que naquele local há segurança – quer dizer, alguém está fazendo alguma coisa para garantir-la, se constituindo numa governamentalidade –, quanto que ela – a placa – disciplina os corpos dóceis e delimita o território estabelecendo o limite entre aquilo que pode ser punido e o que não – é um dispositivo de exercício do biopoder, mas ele já não depende do Estado, aquele *maior*, senão que ele responde mais a essa outra razão, complexa, onde o *cuidado de si*, ao custo que for, é sua característica mais saliente.

Quando comparados ambos os casos, pode-se indicar que no caso venezuelano conseguisse ter indícios de como esse *Estado maior* do que falava Foucault vai se deslocando e complexizando, mas aprofundando a lógica da vigilância e do controle. Enquanto que no caso da metade sul do Sul do Brasil, as placas são o ápice desse Estado menor, que ajuda a coporeizar a disciplina, a normatizar os corpos.

FIGURAS

Figura 1. Os olhos de Chávez



Fonte: Sumarium, 2015.

REFERÊNCIAS

- AMAR, Mauricio: Foucault y el gobierno de las imágenes. In: **Resonancias**, n. 1. Santiago, dez. 2015, p. 90-106. Disponible en: http://www.filosofia.uchile.cl/documentos/foucault-y-el-gobierno-de-las-imagenes-mauricio-amar_116130_3_4103.pdf.
- FOUCAULT, Michel. **Nacimiento de la biopolítica**: curso en el Collège de France: 1978-1979. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.
- SUMARIUM. ¿Pueden los ojos de Chávez influenciar a los votantes? | Sumarium. Caracas, 26 out. 2015. Disponible en: <<http://sumarium.com/pueden-los-ojos-de-chavez-influenciar-a-los-votantes/>>.